

**E**M um paiz como o nosso, onde em todos e em tudo domina a philosophia tupinambá da negligencia, só se olham como grandes bemfeitores, os homens que fazem reformas de effeito. Embora para isso seja preciso onerar a nação de dividas e pejar seu futuro de incertezas é essa a maneira mais practica e mais commoda para os nossos governantes, de conquistar popularidade. Isso explica o existir muito quem della abuse. Bussolados pelo interesse proprio que quasi em regra não é o da nação, esses politicos ba. afustam-se em intentonas egoistas cujo unico norle é o lucro proprio. Eis como o Brasil se faz de meros bonifrates de circo, homens representativos.

Dada a natural tendencia dos nossos patricios para as reformas fatuas e o consequente pendor de seus dirigentes para leval-as a effeito, é facil concluir-se que os melhoramentos que se propõem como mais indispensaveis para as proximas festividades do centenario da Independencia sejam em geral da classe dos que o publico sabiamente qualificou de—para inglez ver. O que a ninguem se antolhou **necessario e urgente foi a reforma do pavilhão disparatado, pretencioso e anti-esthetico que nos cobre, ha mais de trinta annos. Eduardo Prado demonstrou, á saciedade, que no plano da nossa bandeira nacional houve certamente:**

- 1.º — Despreso, ou ignorancia da tradicção historica.
- 2.º — Erro capital de astronomia.
- 3.º — Grave menoscabo da esthetica.

O espirituoso chronista francez Charles Hugues, citado pelo sr. Eurico de Góes, disse a proposito:

*“Auguste Comte n’a qu’un grouge restreint de fidèles dans son pays, et il revolutionne les etoiles dans le Bresil.”*

Ainda desprezados os erros astronomicos e historicos em cuja ennumeracão occupa Eduardo Prado dezenas de paginas, restricta a questão ao infeliz letreiro, ha muito que **dizer do acto do Governo Provisorio, adoptando-o para lemma da bandeira.**

Não é plausivel a desculpa de que as palavras nelle contidas representam exactamente **a méta de todas as nações civilisadas.** Leia-se a respeito o que na introduccão de seu livro — «Evolucio-nismo e positivismo no Brasil —, escreveu Sylvio Romero:

«Realmente», diz elle, «foi duma infelicidade sem par a lembrança da faixa escripta no pavilhão nacional, exposto assim ao ridiculo do proprio povo, sempre tão sensato e certo em seus juizos. **Marca Cometa...** foi o brado geral...»

... E ficou a bandeira com o lemma banal de Ordem e Progresso, duas cousas que existem na

Russia e na Turquia e o povo não é feliz porque falta-lhe a liberdade.»

**E’ notavel o embaraço que causa aos estrangeiros a traducção das palavras contidas no letreiro.**

Fala Homem de Mello, em seu folheto O Brasil de Hoje, do espanto de que foi tomado o gerente de uma fabrica de tecidos de seda em Zurich ao mostrar-lhe elle entre outros pavilhões o nosso e especialmente ao dar-lhe a conhecer a traducção do distico.

«O pavilhão de uma nação, sendo destinado a ser conhecido universalmente, aquella inscripção em lingua portugueza, quasi desconhecida, só falada por nós e pelo pequeno povo portuguez», diz o autor, «dá lugar a que se confunda a bandeira da nação com os pendões de phantasia de diversas associações ou corporações civis.»

**E’ muito desejavel pois, que o governo vá tratando desde já da modificação indispensavel do actual pavilhão de modo a accordal-o melhor com a historia, com a astronomia, com a esthetica e antes e acima de tudo, com a sensatez. Para isso o melhor que se póde fazer é nomear uma comissão de pessôas de reconhecido merito dentre os intellectuaes patricios não devendo tambem ser desdenhado o concurso das classes a que mais directamente póde interessar a sobredita modificação do pavilhão patrio, como sejam v. g., as classes armadas e a mocidade das escolas superiores. Sim, porque não se concebe uma nação que após um seculo de vida politica autonoma, ainda não possua um emblema de accordo com suas tradicções e nem com suas crenças, pois a divisa — Ordem e Progresso — da nossa actual bandeira pertence a uma seita cujos membros são minoria, exigua, minutissima minoria, entre nós. Deve-se ter em mente que nem a desculpa de belleza, aliás só por si nulla, póde existir, pois como sabiamente ponderou Rodin, é feio em arte tudo que é falso, tudo que é artificial, tudo que aspira o ser bello antes que expressivo, tudo que é pretencioso, tudo que carece de alma e de verdade, tudo que não passa de apparencia, tudo que mente.**

*Sergio Buarque de Hollanda.*

S. Paulo, 29 de Julho de 1920.